

TUDO AQUI NO

RESUMÃO

“Brilhante e revolucionário, acessível a qualquer pessoa. Um livro que vai mudar o mundo”. É dessa forma que somos convidados à leitura, a partir de uma avaliação do prestigioso The Guardian, já na capa do livro.

E a leitura se confirma, mesmo, tão acessível e instigante que, dessa vez, trouxemos para a resenha muito das palavras da própria autora, selecionando e transcrevendo ao invés de tentar reescrever o que ela já fez com maestria e habilidade, mesmo para os não tão adeptos à leitura de textos sobre economia – esse tema tão importante para todos e, ao mesmo tempo, tão distante da maioria.

Kate Raworth inicia o livro afirmando que a revolução na economia já começou, e que seu sucesso depende não somente de derrubar velhas ideias, mas também, e mais importante, de apresentar as ideias novas. (Isso te lembra alguma coisa? Sim, inovação na veia). E é exatamente isso que passa a fazer: apresenta ideias novas, propondo sete maneiras pelas quais, com uma mudança de mentalidade, podemos todos aprender a pensar como economistas do século XXI.

Revelando as velhas ideias que têm nos aprisionado e substituindo-as por ideias novas e inspiradoras, o livro propõe uma nova história econômica, que é contada tanto em imagens quanto em palavras, a partir de **sete maneiras práticas**:

1 Mudar o objetivo: *do PIB ao Donut*

“Por mais de setenta anos a economia esteve fixada no PIB (Produto Interno Bruto), ou produção nacional, como medida básica de progresso. Essa fixação tem sido usada para justificar desigualdades extremas de renda e riqueza conjugada a uma destruição sem precedentes do mundo vivo”, afirma Raworth.

“Para o século XXI, é necessária uma meta muito maior”, defende a autora: “atender aos direitos humanos de cada pessoa dentro dos meios do nosso planeta gerador de vida. E a meta está encapsulada no conceito do Donut” (sim, aquela rosquinha!).

De forma simples, porém refinada, Kate Raworth, propõe uma métrica mais humana para a prosperidade.

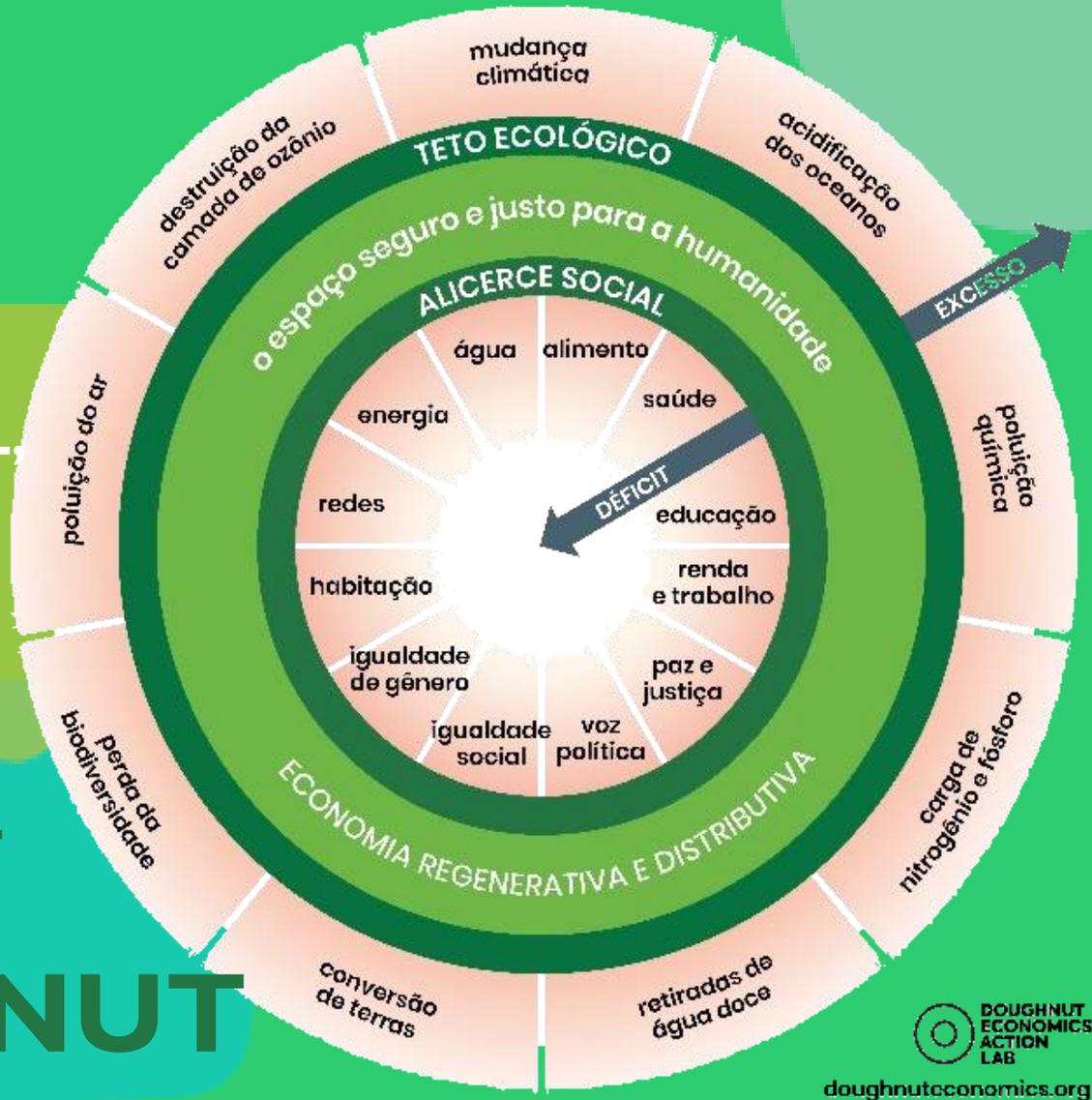
“o desafio agora é criar economias – no âmbito local e global – que ajudem a trazer toda a humanidade para o espaço seguro e justo do Donut. Em vez de perseguir um PIB sempre crescente, é hora de descobrir como prosperar em equilíbrio”.

“A ferramenta mais poderosa em economia não é o dinheiro, nem mesmo a álgebra. É o lápis. Porque com um lápis pode-se redesenhar o mundo”.



MAS,
AFINAL,
O
QUE
É

É
O TAL
DO
DONUT



“É uma bússola radicalmente nova para guiar a humanidade neste século. E aponta na direção de um futuro capaz de prover as necessidades de cada pessoa e ao mesmo tempo salvaguardar o mundo vivo do qual dependemos.

Abaixo do alicerce social do *Donut* encontram-se déficits no bem-estar humano, enfrentados por aqueles que carecem de bens essenciais para a vida, como alimento, educação e moradia. Para além do teto ecológico, encontra-se um excesso de pressão nos sistemas geradores de vida da Terra, como mudanças climáticas, acidificação dos oceanos e poluição química. Mas entre esses dois conjuntos de limite existe um ponto ideal – com a forma inequívoca de um *donut* – que é um espaço ao mesmo tempo ecologicamente seguro e socialmente justo para a humanidade”.

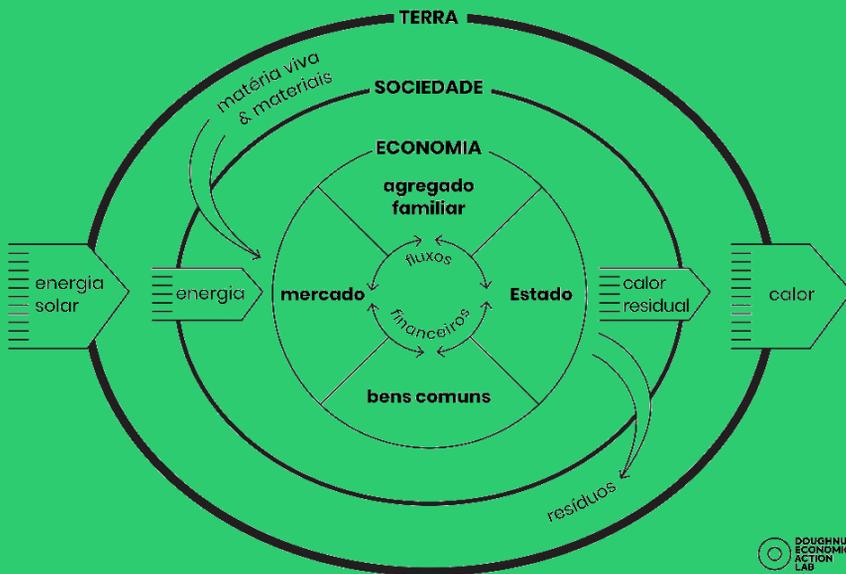
2 Analisar o quadro geral: do mercado autônomo à economia integrada

“A corrente econômica dominante retrata a economia como um todo com apenas uma imagem, extremamente limitada”: o diagrama do Fluxo Circular, aponta Raworth.

O Diagrama do fluxo circular é um modelo visual da economia que mostra como os dólares circulam pelos mercados, entre as famílias e as empresas. Nesse modelo, a economia é simplificada para incluir apenas dois tipos de tomadores de decisões: famílias e empresas.

“Suas limitações, além disso, têm sido usadas para reforçar a narrativa neoliberal acerca da eficiência do mercado, a incompetência do Estado, a domesticidade do agregado familiar e a tragédia dos bens comuns.”

“É hora de fazer um novo desenho da economia, integrando-a no seio da sociedade e da natureza, tendo o Sol como fonte de energia. Essa nova representação convida a novas narrativas – sobre o poder do mercado, a parceria do Estado, o papel central do agregado familiar e a criatividade dos bens comuns”.



DOUGHNUT ECONOMICS ACTION LAB
doughnuteconomies.org

Na Economia Integrada proposta por Raworth, a economia está aninhada dentro da sociedade e do mundo vivo: partimos da **Terra**, que dá a vida e, portanto, devemos respeitar seus limites e da sociedade, que é fundacional e, portanto, devemos alimentar suas conexões. Nesta perspectiva, percebe-se a economia diversificada, constituída por quatro domínios de abastecimento: o agregado familiar, o mercado, os bens comuns e o Estado. Todos os quatro são meios de produção e distribuição, mas se comportam de maneiras muito diferentes, possuem qualidades distintas, e muito do seu valor surge por intermédio de suas interações. Em outras palavras, resume a autora, eles funcionam melhor quando juntos.

3 Estimular a natureza humana: do homem econômico racional a seres humanos racionais adaptáveis

“No coração da economia do século XX encontra-se o retrato do homem econômico racional: ele nos diz que somos egoístas, solitários, calculistas, pouco afeitos a mudanças, e que dominamos a natureza – e moldou as pessoas em que nos transformamos. Mas a natureza humana é muito mais rica que isso, alerta Kate: somos sociais, interdependentes, próximos, fluidos em matéria de valores e dependentes do mundo vivo”. Além disso, acrescenta Raworth,

“é de fato possível estimular a natureza humana de maneiras que aumentem consideravelmente nossas chances de entrar no espaço seguro e justo do *Donut*”.



4 Compreender o funcionamento dos sistemas: do equilíbrio mecânico à complexidade dinâmica

O icônico cruzamento das curvas de oferta e demanda do mercado é o primeiro diagrama com que todo estudante de economia se depara, lembra a autora. “Entretanto, é um diagrama que possui como base metáforas equivocadas de equilíbrio mecânico do século XIX. Um ponto de partida muito mais inteligente para compreender o dinamismo da economia é o pensamento sistêmico, resumido por um simples par de circuitos de feedback”, esclarece Raworth.

“Colocar essa dinâmica no cerne da economia possibilita muitas percepções novas, da expansão e da falência dos mercados financeiros à natureza autorreforçada da desigualdade econômica e os pontos de inflexão das mudanças climáticas. É hora de parar de procurar pelas ilusórias alavancas de controle de economia e começar a administrá-la como um sistema complexo sempre em evolução”, aponta Kate.

5 **Projetar para distribuir:** *do “reequilíbrio pelo crescimento” a uma concepção distributiva*

“No século XX, uma curva simples, a curva de Kuznets, que tem a forma de um “U” invertido”, insinuava uma mensagem poderosa sobre a desigualdade: as coisas precisam piorar antes de melhorar, e o crescimento (eventualmente) a equilibrará.

MAS ACONTECE QUE A DESIGUALDADE NÃO É UMA NECESSIDADE ECONÔMICA, É UMA FALHA DE PROJETO”.

Os economistas do século XXI reconhecerão que há muitas maneiras de projetar economias de modo que sejam muito mais distributivas do valor que geram – uma ideia mais bem representada como uma rede de fluxos. Isso significa ir além da redistribuição de renda para explorar modos de redistribuir a riqueza, em especial aquela que reside no controle de terras, empreendimentos, tecnologias, conhecimentos e no poder de criar dinheiro”, conclui a autora.

6 **Criar para regenerar:** *de “o crescimento limpará tudo de novo” a uma concepção regenerativa*

“A teoria econômica tem há muito retratado um meio ambiente “limpo” como um bem de luxo, acessível apenas para os mais abastados. Essa visão era reforçada pela Curva Ambiental de Kuznets, que mais uma vez insinuava que a poluição precisa piorar antes de poder melhorar, e que o crescimento (eventualmente) a limpará. Mas essa lei não existe: a degradação ecológica é simplesmente resultado de uma concepção industrial degenerativa”, alerta a autora.

“Este século precisa de um pensamento econômico que desencadeie uma concepção regenerativa para criar uma economia circular – não linear – e restaurar os seres humanos como participantes plenos no processo cíclico da vida na Terra”.

7 Ser agnóstico em relação ao crescimento: de viciado em crescimento a agnóstico em relação ao crescimento

“Hoje em dia, temos economias que precisam crescer, quer nos façam ou não prosperar: o que precisamos é de economias que nos façam prosperar, cresçam elas ou não”.

“Há um diagrama da teoria econômica que é tão perigoso que nunca é realmente desenhado: a trajetória de crescimento do PIB em longo prazo. A corrente dominante da economia vê o crescimento econômico interminável como uma obrigação, mas nada na natureza cresce para sempre, e a tentativa de impor essa tendência está levantando duras questões em países de alta renda, mas baixo crescimento. Talvez não seja difícil desistir do crescimento do PIB como objetivo econômico, mas será muito mais difícil superar a dependência que temos em relação a ele hoje”, destaca a autora.

“Essa mudança radical de perspectiva nos convida a nos tornarmos agnósticos em relação ao crescimento e a explorar como economias que hoje em dia estão financeira, política e socialmente dependentes do crescimento poderiam aprender a viver com ou sem ele”.



O desafio agora é criar economias – no âmbito local e global – que ajudem a trazer toda a humanidade para o espaço seguro e justo do Donut. Em vez de perseguir um PIB sempre crescente, é hora de descobrir como prosperar em equilíbrio”.

PRA GRAVAR
NA

CAIXOLA

Mudar o objetivo:
do PIB ao Donut

Estimular a natureza humana: do homem econômico racional a seres humanos racionais adaptáveis

Projetar para distribuir:
do “reequilíbrio pelo crescimento” a uma concepção distributiva

Analisar o quadro geral:
do mercado autônomo à economia integrada

Compreender o funcionamento dos sistemas:
do equilíbrio mecânico à complexidade dinâmica

Criar para regenerar:
de “o crescimento limpará tudo de novo” a uma concepção regenerativa

Ser agnóstico em relação ao crescimento: de viciado em crescimento a agnóstico em relação ao crescimento

AS 7 PROPOSTAS para uma NOVA VISÃO POSSÍVEL

O Donut Economics Action Lab (DEAL) faz parte do movimento global emergente de um novo pensamento econômico e de ação para responder a esse desafio. O objetivo é ajudar a criar economias do século 21 que sejam regenerativas e distributivas por *design*, para que possam atender às necessidades de todas as pessoas dentro dos meios do planeta vivo. A chamada Economia Donut.

O DEAL trabalha com agentes de mudança em todo o mundo - em comunidades, educação, cidades, negócios e governo e muito mais - que estão transformando as ideias da Economia Donut em ações transformadoras e com o objetivo de criar mudanças sistêmicas. O DEAL é intencionalmente um Laboratório de Ação: o foco é transformar ideias em ações e aprender com os outros por meio de experimentos na cocriação de uma nova economia.

O DEAL foi fundado como uma empresa de interesse da comunidade em julho de 2019 e lançou a plataforma da comunidade on-line em setembro de 2020.



<https://doughnuteconomics.org>

PARA SABER

Outras abordagens e referências

+ TED – Kate Raworth – Uma economia saudável deve ser criada para prosperar, não crescer

+ Podcast Autoconsciente – Ep 64 – Um novo caminho para a nossa vida

+ Livro - A Visão Sistêmica da Vida, por Fritjof Capra e Pier Luigi Luisi

pequiRESENHA é uma iniciativa de microlearning do PequiLab voltada para a disseminação de conteúdos relacionados à inovação em governo para fomentar uma nova forma de pensar e agir nos servidores públicos.

Edição #6 . Agosto 2021

ENTRE EM
contato

pequi.lab@goias.gov.br